

Questões identitárias e de origem em Ílhavo: a visão da população

Jenny Campos

Maria Manuel Baptista

Larissa Latif

Resumo

Não há duas cidades iguais. Ao estudarmos cada uma delas é fundamental ter em conta os factores económicos, demográficos, históricos, culturais, entre outros. O presente artigo debruçar-se-á em particular sobre a dimensão cultural da cidade de Ílhavo, dando destaque às representações sociais, aos discursos e às imagens pessoais que os habitantes têm sobre as questões relativas à(s) sua(s) identidade(s) e origem(ens).

O estudo de campo realizado no contexto do presente trabalho permite-nos conhecer os mitos e as lendas que a população considera fazerem parte da sua História e Cultura e que têm um papel relevante na formação das suas Identidades, uma vez que surgem como uma tentativa de explicar a realidade e, especificamente, como resposta e explicação da(s) sua(s) origem(ens).

O que pretendemos com este artigo é compreender se Ílhavo, com especial destaque para a zona histórica dos becos e vielas, vai ao encontro do conceito de não-lugar (Augé, 1994), ou seja, se se verifica uma ausência de referências afectivas, espaciais e temporais na narrativa pessoal e colectiva ou, se, em contrapartida, se adequa melhor o conceito de localidade (Sobral, 1999), permitindo-nos identificar, caso existam, traços identitários que sobreviveram ao passar dos anos e que, conseqüentemente, podem manter viva a comunidade ilhavense.

Neste estudo procuraremos ainda reflectir sobre as identidades ilhavenses num quadro de processos sociais mais alargados, dentro de um panorama de negociação de diferentes identidades e referenciais, que por vezes poderão ser contraditórios.

Palavras- Chave: Ílhavo; Identidades; Mitos; Lendas; Imaginário; Representações Sociais

1. Breve caracterização da cidade de Ílhavo

“O mar por tradição” é o slogan do concelho de Ílhavo, situado a Sul do distrito de Aveiro. O concelho é composto pelas freguesias de S. Salvador, Gafanha da Nazaré, Gafanha da Encarnação e Gafanha do Carmo.

Os censos de 2007 mostram que o concelho de Ílhavo tem cerca de 40819 habitantes, distribuindo-se por uma área de aproximadamente 73,5 km², estando dividido por braços da Ria de Aveiro (Canais de Mira e de Ílhavo), que contribuem para o traçado marcadamente característico desta região lagunar.

A tradição oral descrita na bibliografia remete a origem de Ílhavo para a seguinte lenda:

“Que pelos anos de 1372 antes de Cristo, Baco, filho de Semele, acompanhado por muitos gregos, aportou à Lusitania, metendo-se de gorra com os povos d’aqui, lhes dera Lystas para rei. Que foi provavelmente por este motivo, ou pouco depois, que uma colónia de gregos, da famosa Pelasgia, entrou pela foz do Vouga e se estabeleceu nas suas margens, e que deles se procedem (mas hoje já muito cruzados com outras raças) os ilhavenses, aveirenses e owarenses, varinos ou vareiros... Que os primeiros (os ilhavenses) são, ainda hoje, o tipo mais gracioso e elegante dessa formosa raça, e que as mulheres, sobretudo, conservam, as formas elegantes e esbeltas e o rosto rectangular e belo das encantadoras georgianas do caúcaso, tão célebres pela sua inevitável beleza e elegância” (Parracho, 1992: 14)

Fonseca (2007), por sua vez, salienta que *“nos tempos das invasões normandas não existiriam ainda populações junto à costa, fruto do temor ao invasor (...) a grande preocupação dos autóctones foi a de encontrar refúgio bem no interior dos rios”* (Fonseca, 2007: 35).

Embora as lendas e tradições indiquem que fenícios, cartagineses e gregos se tenham fixado em Ílhavo, as primeiras referências documentais aos lugares que compunham as terras do Vouga são datadas do século IX. Todavia, a partir do século XIII, a documentação régia passa a referir mais frequentemente os territórios do baixo Vouga, onde se inclui Ílhavo.

Segundo Senos da Fonseca (2009), foi D. Manuel I quem concedeu, em 1514, a Carta de Foral a Ílhavo, fazendo alusão às terras de Ílhavo e não à vila de Ílhavo. Este Foral regeu o concelho até 1832, ano em que se extinguem os forais e as doações régias (C.M.I, 2010). É ainda no século XIX que o concelho de Ílhavo é criado (1836), mas em

1895 o concelho é anexado ao de Aveiro, e só passados três anos o concelho volta a ser restaurado (C.M.I., 2010).

Enquanto em 1758 Ílhavo tinha 2947 habitantes, em 1864 contava já com 8210 habitantes, Senos da Fonseca (2009) aponta alguns factores que terão contribuído para este crescimento populacional: a arte xávega, a agricultura, a integração das Gafanhas no concelho, as secas de bacalhau e estaleiros de construção naval, a instalação de actividades transformadoras e a implantação da fábrica da Vista Alegre.

A ligação dos ilhavenses com o mar é íntima e durante todo o século XX, *“a pesca do bacalhau teve uma grande importância económica, social e simbólica em Ílhavo”* (Peralta, 2008:203). O expoente máximo das actividades dos bacalhoeiros situa-se entre 1930 e 1970, altura em que a pesca de arrasto passa a fazer parte da vivência de quase todas as famílias ilhavenses (Leitão, s.d.).

“E a terra como o mar, sofre o fluxo e refluxo dos seus filhos, vai com eles que partem, por lá anda e depois vem com eles que regressem. (...) A gente de Ílhavo é assim: de todo o mundo como o mar, de si mesma como ninguém” (Parracho, 1992, p. 64).

Já Gomes descreve Ílhavo da seguinte forma:

“A alegria ruidosa das suas ruas, a graça estonteante das suas mulheres, a originalidade decorativa do seus prédios, o ritmo constante do seu falar e a galhardia simpática dos seus homens, dão-me uma feição tão característica e agradável que a distingue em absoluto de todas as povoações marítimas que conheço” (Gomes, 1989: 95)

A existência da tradição piscatória permitiu que, paralelamente, se introduzissem no concelho actividades industriais ligadas ao sector pesqueiro como a construção naval, a refrigeração e conservação de pescado e a seca do bacalhau. Simultaneamente, desenvolveram-se actividades agrícolas intensas e ainda a indústria do azulejo e do mosaico.

Todas as actividades económicas referidas atraíram muitas pessoas a Ílhavo, vindas dos concelhos vizinhos, mas também de locais do interior do país. Contudo, muitos foram os ilhavenses que saíram do seu concelho devido à diminuição da empregabilidade no sector das pescas (anos 70), tendo igualmente conduzido muitos ilhavenses para outras actividades comerciais/industriais, mas sobretudo à emigração para países como os Estados Unidos da América, o Canadá e a França.

As dimensões que o presente estudo se propõe tratar ao abordar, do ponto de vista da cultura e do património imateriais o centro histórico de Ílhavo (em pleno processo de reconstrução e revalorização, no âmbito do programa RUCHI¹) articulam precisamente os elementos que a literatura da especialidade considera como alguns dos mais relevantes na constituição, conhecimento e produção do património imaterial: são eles os domínios do Real, do Imaginário e do Simbólico, enquanto elementos estruturantes das identidades das populações.

Assim, num primeiro momento deste estudo abordaremos a temática da construção das Identidades e das respectivas Representações Sociais, para num segundo momento nos dedicarmos à explicitação e discussão dos instrumentos conceptuais que utilizámos para compreender as dinâmicas mais complexas e relacionais das referidas identidades e imaginários que a investigação pôde encontrar junto da população do centro histórico de Ílhavo

2. Formação de Identidades Colectivas e Representações Sociais

O presente estudo debruçou-se em particular sobre a dimensão da identidade cultural da cidade de Ílhavo e muito particularmente do seu centro histórico, constituído por uma específica malha urbana de becos e vielas, destacando aí as representações sociais, os discursos e imagens que os seus habitantes constroem acerca da(s) sua(s) identidade(s) e origem (ens).

Um das questões centrais desta investigação prendeu-se com o facto de pretendermos compreender até que ponto Ílhavo, com especial destaque para a zona dos becos e vielas do seu centro histórico, nos conduziria ao conceito de localidade (Sobral, 1999), ou se, pelo contrário, aplicar-se-ia melhor o conceito de ‘não-lugar’ (Augé, 1994), o que certamente seria detectado numa análise dos discursos dos sujeitos de onde emergisse a ausência de referências afectivas, espaciais e temporais na narrativa pessoal e colectiva (o que não é invulgar em centros históricos rarefeitos de cidades que foram ganhando

¹ O Programa de Regeneração Urbana do Centro Histórico de Ílhavo (RUCHI) é constituído por treze projectos diferentes liderados pela Câmara Municipal de Ílhavo em parceria com a Universidade de Aveiro, a Santa Casa da Misericórdia de Ílhavo, o Illiabum Clube, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo, o Banco Popular e a Associação Ílhavo Comércio Vivo (CMI+Associação Comercial de Aveiro).

outras centralidades, relegando as comunidades do centro para a periferia social, económica e cultural nos seus processos modernos de desenvolvimento.

2.1 Mitos e símbolos na formação das identidades

Privilegiar a dimensão mítica e simbólica de uma comunidade não implica esquecer as outras dimensões. Significa antes reconhecer o carácter estruturante que os discursos, imagens públicas e privadas, cíclicas e quotidianas, desempenham na organização e transmissão do conhecimento sobre essa localidade e aceitar o seu papel activo na experiência que dela se tem. Significa, igualmente, reconhecer que, para além dos contextos de enunciação, que importa analisar, existe sempre uma dimensão interactiva que lhes subjaz, independentemente dos suportes serem visuais, escritos ou orais (Cordeiro, s.d).

Na parte empírica deste trabalho foi-nos possível abordar os mitos e as lendas que a população considera fazerem parte da sua cultura e que têm um papel relevante na formação das suas identidades actuais (Oliveira & Lima, s.d). Essas narrativas míticas fazem parte da tradição local, remetendo para uma memória dinâmica daqueles que, de uma forma ou outra, pertencem ou se sentem ligados a esta comunidade (Rodrigues, 1999; Filho & Guaraldo, s.d). Como temática cultural, a lenda e o mito actuam na mediação entre indivíduo e a cultura nela estando combinados a fantasia, o sonho e elementos da realidade (Candau,1995). É precisamente este sentimento de ligação/pertença a um determinado grupo que nos permite identificar marcas identitárias, as quais por sua vez possibilitam a inserção e localização dos habitantes, num sistema social, excluindo-os simultaneamente de outros (Hall, 1977).

2.2 Identidades e Representações Sociais

A forma como os grupos interpretam a história é fundamental na construção das suas identidades, sendo este um processo essencialmente comparativo, já que a história de cada grupo depende, em boa parte, das relações estabelecidas com outros grupos.

Segundo Jodelet (1989) e Moscovici (2001) as representações sociais são conceptualizadas como uma modalidade de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, contribuindo para a percepção de uma realidade comum a um determinado grupo. As representações sociais constituem, assim, a forma como os indivíduos apropriam o mundo que os rodeia, ajudando-os a compreender e a agir nessa mesma sociedade (Jodelet, 1989; Moscovici, 1984).

As representações sociais podem, assim, ser vistas como elementos simbólicos que os sujeitos expressam mediante o uso de palavras e de gestos, em articulação com as condições de contexto em que os indivíduos estão inseridos.

O estudo que realizámos visa, precisamente, contribuir para a compreensão das representações sociais dos ilhavenses sobre as suas próprias identidade e história: quem julgam eles que são? Como representam as suas origens? Quais as imagens que a sua comunidade guarda e transmite sobre si própria?

3. Discussão e definição operacional dos conceitos de Real, Simbólico e Imaginário

Há duas vertentes claramente diferenciadas no que concerne à maneira como as dimensões do Real, Simbólico e Imaginário se articulam. Uma delas, à qual se filiam claramente Lacan (1966) e Castoriadis (1995), mas também Eduardo Lourenço (1999), parte da compreensão das relações entre as dimensões aqui analisadas (Real, Imaginário e Simbólico) como recíprocas, interdependentes, embora heterogêneas, e sempre marcadas pela irrupção do novo. Pelo contrário, a outra vertente apresenta uma concepção estruturalista, que se funda na ideia de arquétipo e do Simbólico como revelação de uma estrutura anterior à experiência humana revelando uma oposição dualista ao Real (referimo-nos, neste caso, Eliade(s.d) e a Durand (2002;1992)).

Gaston Bachelard (1991, 1988), ocupa um lugar que oscila entre uma e outra das perspectivas, pois, se admite a imaginação criadora como fonte de uma nova (e sempre nova) realidade, não deixa de considerar que o Imaginário se opõe ao Real como uma espécie de estratégia de sobrevivência em face da ‘dureza’ do mundo natural das coisas. Uma posição que, de certo modo integra estas duas tendências de elaborar as relações entre Simbólico, Imaginário e Real é a de Maffesoli (1997; 1993), para quem o Real se resolve e mescla com o Imaginário e o Simbólico na vida quotidiana.

Há em todos estes teóricos, uma espécie de solidariedade entre o Simbólico e o Imaginário, com maior ou menor preeminência de um ou de outro, vistos em oposição ao Real, mas, sempre instauradores deste, seja em relação de reciprocidade ou de diferenciação.

Assim, para Lacan, é o símbolo que institui o Real através do Imaginário. É entre o Imaginário e o Simbólico que se constitui o Real, na porção da verdade nua que resiste a ser simbolizada. Uma vez que aquilo que captamos do Real são imagens, conscientes ou inconscientes, tudo o que escapa ao Simbólico e ao Imaginário, não pode ser tornado imagem, não se deixando impregnar de significado. Portanto, o que não pode ser dito é

o que permanece Real resistindo a ser simbolizado e, por isso, não fecundando o próprio Imaginário. Por outro lado, a parte do Real que se deixa simbolizar serve de pretexto e matéria ao Imaginário.

Embora a preocupação de Lacan com a tríade Real/Simbólico/Imaginário enfoque especificamente a constituição do inconsciente como linguagem, enquanto Castoriadis (1995) teoriza sobre a instituição imaginária do social, ambos conferem ao Imaginário uma primazia que deriva de seu papel criador de sentido. Um sentido que somente se produz na dinâmica do Imaginário na sua relação com o Real, ou na instauração do Real a partir da dinâmica do Imaginário.

Na mesma senda, Eduardo Lourenço vê o Real como a realidade empírica à espera de ser simbolizada pelo Imaginário. O Imaginário não é a ilusão, mas é o não-Real, um reservatório de imagens com grande dinamismo, constituindo uma espécie de 'inconsciente histórico'. Nesse sentido, não se afasta de Castoriadis e de Lacan ao considerar que o Imaginário permite a transformação de Real em não-Real através do símbolo e que o significante precede ao significado. Ainda para Lourenço, o símbolo é a cultura e é no símbolo partilhado pelo Imaginário social que se funda a possibilidade de toda a Identidade.

Com Eliade, o Real é aquilo que não foi sacralizado ou simbolizado, o que se mantém na esfera do profano, o que é quase inexistente. Fragmentário e sem sentido, o Real apenas pode atingir alguma unidade por efeito da actividade simbólica e é através do símbolo que o Homem se liga ao Real. Michel Maffesoli (1993), por seu turno, apresenta um encontro entre o Real, o Simbólico e o Imaginário no quotidiano. Numa relação de reciprocidade, as três instâncias integram-se no todo social e integram, para além disso, a dimensão dionisíaca nesse mesmo todo social, relativizando a racionalidade. Os imaginários partilhados são entendidos como o mais poderoso laço entre os indivíduos de uma sociedade. Reencontramos em Maffesoli o Imaginário como elemento criador, mobilizador e transformador, tal como em Lacan, Castoriadis, Bachelard e Lourenço. No entanto, ao localizar no quotidiano a interacção entre as três instâncias, Maffesoli concebe-as não como dois campos opostos (Imaginário/Simbólico – Real), mas como integrantes e integradas na constituição do todo social e das identidades. Apesar da multiplicidade e do aspecto integrador de elementos díspares, a dinâmica dos imaginários origina comportamentos canónicos que mantêm a coesão social, embora de forma complexa e negociada, com explosões e implosões, reformulações e reinvenções.

Imaginário, Real e Simbólico podem pois, ser vistos a partir da discussão acima exposta como instâncias inseparáveis, embora heterogêneas, na constituição das sociedades e das identidades.

Deste modo, adoptaremos, no contexto da presente investigação, as seguintes definições operacionais dos conceitos que nos serviram de instrumentos conceptuais para o estudo que conduzimos junto dos habitantes do Centro Histórico de Ílhavo e cuja apresentação e discussão se fará na segunda parte deste trabalho.

3.1 Definições operacionais

Por domínio do Real, entendemos todas as afirmações e opiniões dos nossos sujeitos que se referem à realidade empírica sem apreciação valorativa ou projecção imaginária. Na verdade, o Real pode ser definido aqui como a ausência de Imaginário, silêncio, incapacidade de dizer, o que deriva da incapacidade/impossibilidade de instaurar significado. Neste campo figuram os dados mais objectivos, tais como moradas, idades, estado civil etc, descrições de efemeridades, acontecimentos ou informações gerais directamente coladas à realidade empírica e sobre os quais não agiu nenhuma dinâmica simbólica ou imaginária instauradora de significação.

Por domínio do Imaginário, entendemos todas as afirmações/opiniões dos nossos sujeitos que projectam um desejo ou recriam uma história passada a partir da dinâmica das imagens que fecundam factos vividos tornados histórias de vida, projectam imagens sobre o futuro desejado ou temido ou sobre realidades desconhecidas, mas sobre as quais alguma coisa se diz. O Imaginário aparece muitas vezes como ausência, como falta, como silêncio, como aquilo que não se sabe dizer, o não-dito, que pode ser analisado à luz do que escapa ao significante em Lacan, ou à luz daquilo que, para Maffesoli, pode ser chamado processo de abstenção.

Tivemos ainda necessidade de distinguir aqui também duas dimensões do Imaginário: uma que se respalda numa vertente eminentemente prática e colada ao Real (designámo-la por Imaginário Prático), para a distinguir de um Imaginário eminentemente onírico, efabulante, e sonhador mais à maneira de Bachelard (e a este designámo-lo por Imaginário Onírico)

Por domínio do Simbólico, entendemos todas as afirmações/opiniões dos nossos sujeitos que remetem para significados socialmente partilhados, valorações a respeito da vida colectiva ou da vida do indivíduo imerso na colectividade (o que é importante, o que não é, o que é melhor ou pior, o permitido e o interdito, etc), conhecimentos

especificamente ligados ao campo do sagrado, mas também ao quotidiano, quando referidos às regras de conduta social, às relações de poder e de diferença social, numa palavra aos modos de viver aceites e justificados pelas práticas empíricas e pelo Imaginário colectivo.

Neste domínio, para maior exactidão na manipulação desta definição operacional, optámos por uma subdivisão temporal, pois aspectos diferentes do Simbólico emergem ao longo das narrativas colectadas nas entrevistas realizadas, conforme nos refiramos ao passado, ao presente ou ao futuro.

4. Metodologia do Estudo de Campo

Este artigo foi elaborado com base na investigação de campo realizada no âmbito do Projecto MIMAR – memória e imaginários de mar, a decorrer no Departamento de Línguas e Cultura da Universidade de Aveiro (Julho 2010 a Julho 2011), integrado no Projecto RUCHI (promovido pela Câmara Municipal de Ílhavo / QREN).

Inicialmente, procedeu-se à pesquisa e leitura bibliográficas extensivas de forma a delimitar teoricamente o âmbito do estudo e o seu recorte espacial: o Centro Histórico de Ílhavo e nele, os seus becos e vielas. Começaram por ser definidos conceitos e paradigmas teóricos que abrangem a construção das identidades, memórias e imaginários colectivos, convocando para o efeito a articulação das dimensões do Real, do Imaginário e do Simbólico.

Assim, partiu-se desta forte base teórica para alicerçar o estudo empírico realizado em Ílhavo, na malha urbana do seu Centro Histórico, que compreendeu a população habitante entre a Capela da Nossa Senhora do Pranto e a Igreja de S. Salvador, com especial incidência nos seus becos e vielas.

O estudo empírico, cujo trabalho de campo teve início em Julho de 2010 e terminou em Abril de 2011, começou por inquirir um universo de 103 indivíduos residentes nesta malha urbana, de forma a seleccionar um conjunto final de 30 sujeitos. O método de selecção destes 30 sujeitos foi propositivo e procurou alocar os sujeitos a características previamente especificadas e consideradas na literatura da especialidade relativa às identidades, representações sociais, imaginários e memórias colectivas como variáveis sensíveis do nosso estudo e cujos efeitos nos interessava explorar junto dos nossos sujeitos.

Este primeiro contacto com a população teve ainda como objectivo fazer um levantamento (não exaustivo) da ocupação efectiva das habitações do Centro Histórico

de Ílhavo, das suas características sócio-demográficas e da disponibilidade em colaborar com a investigação a que nos propúnhamos.

Assim, os sujeitos seleccionados foram divididos em dois grupos: o grupo A e grupo B. No contexto do presente artigo apenas trabalharemos o grupo B, constituído por 15 indivíduos, com idades compreendidas entre os 40 e os 59 anos. Procurou-se, nesta faixa etária encontrar sujeitos que nem sempre tenham vivido em Ílhavo e nos seus becos do Centro Histórico. Procurámos que também variassem substancialmente ao nível desta característica (havia quem praticamente tivesse acabado de chegar ao beco e quem ali vive à mais de duas ou três décadas). Foi ainda nossa preocupação constituir um grupo internamente heterogéneo ao nível das variáveis consideradas relevantes: sexo, habilitações académicas e ocupação profissional.

As entrevistas foram realizadas durante os meses de Novembro e Dezembro de 2010 e Janeiro de 2011. As entrevistas decorreram de forma directa e pessoal. Cada entrevista teve a duração média de 20 minutos e foram usados diversos recursos de gravação.

As entrevistas, semi-estruturadas, foram preparadas previamente, usando um guião que serviu de orientação aos entrevistadores, que procuraram conduzir a conversa no sentido de relatos muito próximos do das 'histórias de vida'. Assim, apesar de haver algum limite nas temáticas a abordar (mas não de forma rígida) o guião permitiu que não se perdessem de vista os objectivos da entrevista. O processo de entrevista foi flexível na exploração das questões abordadas, tendo-se adaptado a cada entrevistado.

Depois de recolhidos todos os dados, estes foram tratados recorrendo à transcrição das entrevistas, de forma a posteriormente se proceder à análise da informação recolhida.

Estes dados foram sujeitos à técnica de análise de conteúdo com base em três domínios implicados na construção de identidades e memórias dos sujeitos em estudo: o Real, o Simbólico e o Imaginário, usando as definições operacionais anteriormente apresentadas.

O estudo que agora apresentamos aborda apenas os resultados preliminares do projecto Mimar - Memória e Imaginários de Mar, projecto que ainda se encontra em desenvolvimento, centrando-nos por agora, especificamente, na análise dos resultados das entrevistas feitas aos sujeitos do grupo B

5. A apresentação dos Resultados

5.10 Domínio do Real

Por domínio do Real, entendemos todas as afirmações e opiniões dos nossos sujeitos que se referem à realidade empírica sem apreciação valorativa ou projecção imaginária. Na verdade, o Real pode ser definido aqui como a ausência de Imaginário, silêncio, incapacidade de dizer, o que deriva da incapacidade/impossibilidade de instaurar significado. Neste campo figuram os dados mais objectivos, tais como moradas, idades, estado civil, descrições de efemeridades, acontecimentos ou informações gerais directamente coladas à realidade empírica e sobre os quais não agiu nenhuma dinâmica simbólica ou imaginária instauradora de significação.

Neste artigo em específico apenas destacaremos e estudaremos as questões relativas à origem e identidade de Ílhavo, tal como ela é representada pelos nossos sujeitos.

Na tabela 1 que se segue apresentamos, de forma condensada as representações do domínio do Real, apresentadas pelos nossos sujeitos quando confrontados com as questões relativas às Origens de Ílhavo e dos seus Becos. A tabela apresenta ainda essas mesmas respostas divididas por sexo, idade, escolaridade, tempo de residência nos becos e tipo de actividade. Para além disso os discursos dos nossos sujeitos foram alocados a duas dimensões temporais: o passado e o presente.

		Passado	Presente
História de Ílhavo e Beco	Mulheres		- Sempre conheceu isto assim - Não sabe explicar como é que Ílhavo nasceu e também não sabe a origem dos becos.
	Homens	- Cada um fazia a sua casa e surgem os becos.	- Não sabe como surgiram os becos - Os becos existem em todo o lado: Alfama, Porto.
	Idade: entre 41 e 51 anos	-“Os becos não é... sempre existiram aqui, sempre existiram, foi sempre assim a configuração da da cidade.” (p. 11, linha 29 e 30).	-Não se lembra de nada -Não sabe e depois refere “Começaram a construir assim à toa” p. 7 linha24
	Idade: entre 52 e 59 anos	- Cada um fazia a sua casa e surgem os becos. - Os becos existem em todo o lado	- Não sabe como surgiram
	Escolaridade: até 6º ano	- Não sabe como surgiram	- Não sabe e também não sabe a origem dos becos.
	Escolaridade: mais de 7º ano	- Cada um fazia a sua casa e surgem os becos. - Os becos existem em todo o lado	
	Tempo de residência no beco: até 10 anos		
	Tempo de residência no beco: de 10 a 30 anos		- Não sabe como surgiram - Não sabe a origem dos becos - Não sabe explicar como é que Ílhavo nasceu
	Tempo de residência no beco: mais de 30 anos	- Cada um fazia a sua casa e surgem os becos. - Os becos existem em todo o lado	
	Sector onde trabalha: primário	- Cada um fazia a sua casa e surgem os becos. - Os becos existem em todo o lado	- Não sabe como surgiram

	Sector onde trabalha: secundário		
	Sector onde trabalha: terciário		- Não sabe a origem dos beco - Não sabe explicar como é que Ílhavo nasceu

Tabela I – Respostas às questões de Origem de Ílhavo e seus becos - o domínio do Real.

Através da análise da tabela 1 é possível perceber que o grupo assume não conhecer a origem de Ílhavo. O silêncio é a resposta mais vezes utilizada, sendo que apenas as mulheres, que trabalham no terceiro sector (comércio e serviços) e que habitam nos becos há mais de 10 e menos de 30 anos se referem ao caso específico da origem de Ílhavo, remetendo-se os restantes sujeitos ao silêncio ou à afirmação de que não sabem explicar a origem dos becos e que acreditam que “sempre estiveram aqui” ou que “os becos existem em todo o lado”².

Acreditamos que tal facto acontece por um lado porque os vários sujeitos preferem não responder ao invés de darem uma resposta que consideram não ser unanimemente aceite (caso da origem fenícia e grega, por exemplo) e, por outro, porque as respostas obtidas com base nos mitos/lendas de origem locais foram por nós remetidas para o domínio do Imaginário e que serão apresentadas mais à frente neste estudo, uma vez que as afirmações e opiniões dos nossos sujeitos que projectam um desejo ou recriam uma história passada a partir da dinâmica das imagens que fecundam factos vividos tornados histórias de vida, projectam imagens sobre o futuro desejado ou temido ou sobre realidades desconhecidas, mas sobre as quais diz-se alguma coisa, são por nós entendidas como manifestações do domínio do simbólico.

5.2 O Domínio do Simbólico

Por domínio do Simbólico, entendemos todas as afirmações e opiniões dos nossos sujeitos que remetem para significados socialmente partilhados, valorações a respeito da vida colectiva ou da vida do indivíduo imerso na colectividade (o que é importante, o que não é, o que é melhor ou pior, o permitido e o interdito, etc), conhecimentos especificamente ligados ao campo do sagrado, mas também ao quotidiano, quando referidos às regras de conduta social, às relações de poder e de diferença social, numa palavra aos modos de viver aceites e justificados pelas práticas empíricas e pelo Imaginário colectivo.

² Para mais informações sobre a origem dos becos vide artigo “Os becos e as vielas de Ílhavo – as origens e os mitos” de Sara Maia e Eugénia Pereira

Neste domínio, para maior exactidão na manipulação da definição operacional, optámos por uma subdivisão temporal, pois aspectos diferentes do Simbólico emergem ao longo das narrativas colectadas nas entrevistas, conforme nos referimos ao passado, ao presente ou ao futuro.

A dimensão do passado recobre as valorações a respeito da vida colectiva ou da vida do indivíduo imerso na colectividade, referindo-se aos saberes e valores partilhados, sejam eles referentes ao quotidiano ou ao extra-quotidiano (rituais, festas etc.), localizados no tempo passado da narrativa dos sujeitos. Já a dimensão do presente recobre as valorações a respeito da vida colectiva ou da vida do indivíduo imerso na colectividade, aos saberes e valores partilhados, sejam eles referentes ao quotidiano ou ao extra-quotidiano (rituais, festas etc.), localizados no tempo presente da narrativa dos sujeitos. Por fim a dimensão do futuro recobre as valorações a respeito da vida colectiva ou da vida do indivíduo imerso na colectividade, relativamente aos saberes e valores partilhados, sejam eles referentes ao quotidiano ou ao extra-quotidiano (rituais, festas etc.), localizados no tempo futuro da narrativa dos sujeitos.

O primeiro aspecto sobre o qual nos debruçaremos diz respeito ao espaço mitológico associado à origem de Ílhavo. Segundo Eliade(s.d), é no campo do Simbólico que uma sociedade passa a existir para si mesma, diferencia-se das outras, estabelece a sua identidade. Estes acontecimentos ocorrem no momento em que se estabelecem os mitos de origem, narrativas inaugurais em que nos explicamos a nós mesmos quem somos, qual o território que nos corresponde, quem são os fundadores (heróis ou ancestrais míticos) dos quais descendemos e cuja origem mítica partilhamos.

Na tabela 2 que se segue apresentamos, de forma condensada as representações do domínio do Simbólico, apresentadas pelos nossos sujeitos quando confrontados com às questões relativas às Origens do nome de Ílhavo. Anteriormente foi feita a divisão por sexo, idade, escolaridade, tempo de residência nos bicos e tipo de actividade, contudo uma vez que os dados eram, em todas as variáveis, muito uniformes, apresentamos apenas a divisão por sexo como forma de esquematizar as respostas obtidas. Para além disso os discursos dos nossos sujeitos foram alocados a duas dimensões temporais: o passado e o presente, estando o futuro ausente dada a ausência de respostas que se remetam para esse período de tempo.

		Grupos analisados	Passado	Presente
Espaço mitológico	Origem do nome de Ílhavo	Mulheres	- Referências a: “Vamos à ilha avó?”	- Desconhece. - Já soube, mas não recorda a história. - Não sabe qual é a origem de Ílhavo.
		Homens	- Isto antes era uma ilha: Ilha, Illiabum, Ílhavo	- Não sabe - O nome virá de Ilhéus, ilha, Ílhavo... - Ílhavo: “vem de uma ilha, de ilha nasceu illiabum, depois é aí por aí sucessivamente”.

Tabela II – Respostas às questões de Origem do nome de Ílhavo (divisão por sexo) - o domínio do Simbólico

Através da análise da tabela 2 é possível constatar que tanto homens como mulheres assumem, por um lado, não saber o origem de Ílhavo, mas por outro, não deixam de recorrer a várias explicações como a lenda da “Ilha avó” ou à evolução toponímica de Illiabum para Ílhavo. Assim, uma entrevistada refere que *“há a lenda da cidade, da ilha (...) diziam que era uma criança que dizia à avó que queria vir à ilha avó, vamos à ilha avó e ficou Ílhavo (...)”*. Já outro entrevistado dá uma versão que alude não só à lenda como à evolução da toponímia *“que eu tenha conhecimento, isto dantes era uma ilha e depois havia um menino que dizia a avó, eu vou a ilha avó, mas parece-me a mim que depois o nome de Ílhavo foi Illiabum e depois, agora é que eu não sei bem, se foi primeiro o illiabum ou se era essa coisa que eu estou a contar, esse primeiro da ilha avó e depois ficou Ílhavo, mas também não é do meu tempo, claro”*.

É interessante verificar que autores locais como Senos da Fonseca também se referem à concepção de Ílhavo enquanto ilha: *“apesar de ser impossível apurar com exactidão, não se andaré longe da realidade de então³, se imaginarmos toda a zona (...) circundada por água, praticamente por todos os lados”* (Fonseca, 2007:72).

Já no que concerne ao que os habitantes consideram típico de Ílhavo a tabela 3 permite-nos perceber as respostas dadas pelos sujeitos entrevistados, desta vez, com

³ Ílhavo nos finais do século XVI

segmentação assente na idade e na escolaridade dadas as diferenças constatadas e que apresentamos imediatamente abaixo.

Consideramos ainda as dimensões temporais do passado, presente e futuro.

			Grupos analisados	Passado	Presente	Futuro
Espaço físico	Ílhavo	Típico	Idade: entre 41 e 51 anos		- Dizer mal por tudo e por nada - Nada - Galeotas - Vista Alegre - Folar	
			Idade: entre 52 e 59 anos		- As padeiras do Vale de Ílhavo - "A Gruta" - Ovos moles - Os cardadores - O que é que Ílhavo tem que vos diga alguma coisa? A mim não diz nada." (p. 11, linha 12 e 13)	
			Escolaridade: até 6º ano		- "Dizer mal por tudo e por nada" - "Eu típico não considero nada" - Ovos moles - "O que é que Ílhavo tem que vos diga alguma coisa? A mim não diz nada." (p. 11, linha 12 e 13) - Cardadores	- Não quer alterações porque está tudo típico
			Escolaridade: mais de 7º ano		- Falar mal - As padeiras do Vale de Ílhavo - Tasca "A Gruta" - Homens do mar	

Tabela III – Respostas às questões sobre o que é típico de Ílhavo (divisão por idade e escolaridade) - o domínio do Simbólico

A tabela 3 permite-nos constatar que o grupo tem opiniões bastante diversificadas. Assim, o grupo mais velho (idades compreendidas entre os 52 e 59 anos) identifica um maior número de elementos típicos da comunidade ilhavense (muitos deles associados à gastronomia: ovos moles, a taberna "A Gruta" e as padeiras do Vale de Ílhavo).

Note-se que os sujeitos com escolaridade igual ou inferior ao 6º ano têm maior tendência para não considerar nada típico, à excepção dos cardadores e dos ovos-moles, sendo que as restantes respostas são obtidas entre os indivíduos com escolaridade superior ao 7º ano.

Acreditamos que são precisamente os sujeitos mais velhos aqueles que têm um Simbólico mais fértil porque talvez sejam estes os indivíduos que se deixam fecundar pelo Simbólico associado às influências que o passado de Ílhavo tem no momento presente. Esta diferença constatada através da análise das idades é camuflada na análise por escolaridade, uma vez que, os sujeitos com idades compreendidas entre 52 e 59 anos se encontram divididos pelos dois sub-grupos (escolaridade até 6º ano e escolaridade superior ao 7º ano).

Não obtivemos respostas associadas ao tempo passado visto que a questão que colocamos conduzia a uma reflexão sobre o que é típico em Ílhavo no momento presente. Assim, os aspectos citados pelos entrevistados, podem ser agrupados: em elementos associados ao o trabalho (Vista Alegre e homens do mar, padeiras), a bisbilhotice (dizer mal por tudo e por nada), a comida (folar, ovos moles, padeiras), a festa (cardadores), o convívio (a taberna “A Gruta”). Ora é possível constatar que todos remetem para o quotidiano, com excepção dos cardadores, que só aparecem durante o carnaval. Mas, reaproximam-se dos demais grupos se consideramos a dimensão convivial que os perpassa a todos. É curioso constatar que entre o ‘nada é típico’ e o ‘tudo é típico’, há uma espécie de neutralização da ideia de tipicidade, pois o que é citado como típico é também o banal, o que não se destaca, é o convívio no dia-a-dia que aparece nestas respostas, como que ‘disfarçado’ de típico. Do ponto de vista Simbólico parece haver um esvaziamento nas dimensões do presente e do futuro, às quais se remete a questão colocada sobre o que é típico da cidade, neste estudo.

A tabela 4 refere-se ainda ao que os sujeitos consideram típico de Ílhavo salientando desta vez a segmentação com base no sector em que trabalham e considerando ainda há quanto tempo habitam a zona dos becos e vielas. Apresentamos esta divisão depois de termos feito o estudo com base nas variáveis sexo, idade, escolaridade, tempo de residência nos becos e tipo de actividade. Todavia, parece-nos que as informações obtidas com base no sector de actividade, e tempo de residência nos permitem obter conclusões mais claras. Consideramos ainda as dimensões temporais do passado, presente e futuro.

			Grupos analisados	Passado	Presente	Futuro
Espaço físico	Ílhavo	Típico	Tempo de residência no beco: até 10 anos		- Dizer mal de tudo e de nada - Folar é o mais típico - Cardadores	
			Tempo de residência no beco: de 10 a 30 anos		- Padeiras do Vale de Ílhavo - A Gruta - Falar mal - Vista Alegre	- “Gostaria que Ílhavo tivesse outra dimensão, típica das cidade”.
			Tempo de residência no beco: mais de 30 anos		- Homens do mar - Galeota - Ovos moles	- Não quer alterações porque está tudo típico
			Sector onde trabalha: primário		- Padeiras do Vale de Ílhavo - A Gruta - Não considero nada típico - Falar mal de tudo e nada - Ovos moles	- Não quer alterações porque está tudo típico
			Sector onde trabalha: secundário			
			Sector onde trabalha: terciário		- Galeota - Homens do mar - Cardadores - Vista Alegre	- “Gostaria que Ílhavo tivesse outra dimensão, típica das cidade”.

Tabela IV - Respostas às questões sobre o que é Típico de Ílhavo (divisão por sector de actividades e tempo de residência na zona dos becos e vielas) - o domínio do Simbólico

A análise da tabela 4 permite-nos tirar duas conclusões: a primeira remete-nos para o facto de não haver referências ao típico no passado (dado a questão remeter para a reflexão no momento presente) e no que concerne ao futuro apenas duas opiniões: uma que refere que gostaria que Ílhavo tivesse outra dimensão típica da cidade e outra que refere não querer nenhuma alteração porque está tudo típico. A segunda conclusão é que os sujeitos cuja actividade se desenvolveu no sector secundário (indústria e transformação) não fazem qualquer tipo de referência, remetendo-se por completo ao silêncio, sendo que são também estes os sujeitos que habitam o beco há menos de 10 anos.

Em suma e tal como referimos anteriormente o grupo considera típico de Ílhavo uma grande variedade de elementos. Neste sentido, há referência a nada ser típico, ao hábito de falar mal por tudo e por nada (*“cortar no casaco (...) Ajuntar-se duas ou três senhoras ou senhores e (...) falar mal de qualquer coisa (...) Pronto, acho que é típico”*), à gastronomia típica onde destacam a galeota (*“há um peixe muito interessante daqui, que eu acho que é que é particularmente interessante (...) a galeota, que é um peixe tão pequenino tão pequenino (...) não tem espinhas, come-se todo. E em (...) determinada altura, começamos a ouvir as mulheres, (...) em fins de Abril princípios de Maio, a gritar pela rua ‘Galeota’”*), o foliar, as padas, bem como, à taberna “A Gruta”. Há também sujeitos que se referem a pessoas como cardadores e as padeiras do Vale de Ílhavo, ou à Vista Alegre enquanto representante externa do concelho.

Por fim, fazem também alusão aos ovos-moles⁴, dada a proximidade que têm com o concelho vizinho de Aveiro. Parece haver assim uma valorização da(s) identidade(s) local (is) através da exaltação de elementos, entidades, personalidades e costumes, da comunidade, enquanto símbolos da(s) sua(s) identidade(s) local(is).

⁴ Trata-se de um doce regional (elaborado apenas com açúcar e ovos), tradicional da pastelaria aveirense, cuja fórmula e método de produção original se deve às freiras dos vários conventos (dominicanos, franciscanos e carmelitas) existentes até ao século XIX.

Na tabela 5 que se segue apresentamos, de forma condensada as representações do domínio do Simbólico, apresentadas pelos nossos sujeitos quando confrontados com às questões relativas ao que é típico do beco. A tabela foi inicialmente elaborada com divisões por sexo, idade, escolaridade, tempo de residência nos becos e tipo de actividade, contudo, dada a harmonia das resposta entre as diferentes segmentações optamos por apresentar apenas as respostas com base no sexo e idade, uma vez que são apenas estes dois segmentos em que é possível identificar silêncios. Para além disso os discursos dos nossos sujeitos foram alocados a duas dimensões temporais: o passado e o presente.

			Grupos analisados	Passado	Presente
Espaço físico	Beco	Típico	Mulheres		-Referências aos Sete Carris
			Homens	-Referência aos becos como labirinto	- Está tudo típico
			Idade: entre 41 e 51 anos		
			Idade: entre 52 e 59 anos	- "É a zona mais antiga de Ilhavo. Eu lembro-me quando era miudita é que isto era um labirinto."	- "Sete Carris, (...) são becos (...) é um labirinto que a gente as vezes perde-se lá".

Tabela V - Respostas às questões sobre o que é típico do Beco no Domínio do Simbólico (segmentação com base no sexo e idade)

Constata-se que o grupo tem uma opinião muito coesa ao referir que típico dos becos é a zona de Sete Carris: *“há ali um que chamam-lhe os sete Carris, não sei porque, (...) são becos que (...) é um labirinto que a gente as vezes perde-se lá”, “é muito interessante (...) aqui nos Sete Carris (...) entra ali num beco e perde-se, parece um labirinto lá dentro”*. Há também referências ao facto de estar tudo típico. Determinante é também a ausência de respostas por parte dos sujeitos com idades compreendidas entre os 41 e 51 anos, sendo que é possível constatar que alguns deles são do sexo feminino. Parece-nos por isso, que no que concerne ao que é típico do beco os sujeito do sexo masculino têm uma maior tendência para se remeterem ao passado enquanto que as mulheres se projectam mais no presente, por sua vez, a ideia de labirinto permanece entre o passado e o presente.

5.3 O Domínio do Imaginário

Por domínio do Imaginário, entendemos todas as afirmações e opiniões dos nossos sujeitos que projectam um desejo ou recriam uma história passada a partir da dinâmica

das imagens que fecundam factos vividos tornados histórias de vida, projectam imagens sobre o futuro desejado ou temido ou sobre realidades desconhecidas, mas sobre as quais diz-se alguma coisa. O Imaginário aparece muitas vezes como ausência, como falta, como silêncio, como aquilo que não se sabe dizer, o não-dito, que pode ser analisado à luz do que escapa ao significante em Lacan (1978), ou à luz daquilo que para Maffesoli pode ser chamado processo de abstenção.

No âmbito do conceito de Imaginário distinguimos aqui uma dimensão do Imaginário que se respalda numa vertente eminentemente prática e colada ao Real e que designámos por Imaginário Prático. E outra dimensão especificamente onírica, efabulante, e sonhadora mais à maneira de Bachelard, a qual designámos por Imaginário Onírico

É precisamente no domínio do Imaginário onírico fantástico/popular que encontramos novas referências relativamente à origem de Ílhavo.

Na tabela 6 que de seguida apresentamos, de forma condensada as representações do domínio do Imaginário, apresentadas pelos nossos sujeitos quando confrontados com às questões relativas à origem de Ílhavo. A tabela foi inicialmente elaborada com divisões por sexo, idade, escolaridade, tempo de residência nos bicos e tipo de actividade, contudo, dada a harmonia das respostas entre as diferentes segmentações optamos por apresentar apenas as respostas com base nas idades e sector de ocupação uma vez que o cruzamento de informações entre elas permitiu obter umas das conclusões que apresentamos abaixo. Para além disso os discursos dos nossos sujeitos foram na dimensão onírica fantástico popular.

Dimensões		Onírica	
		Fantástica/ popular	
Ílhavo	Origem do nome	Idade: entre 41 e 51 anos	-Origem do nome ligada a ideia de Ilha -Não conta lendas
		Idade: entre 52 e 59 anos	- Origens Fenícias, ilha, illiabum
		Sector onde trabalha: primário	“ isto vem dos antigos , das fenícios, não sei se sim, se não. Mas que o pessoal que se foi espalhando, ao longo da costa e que isso, que era, não sei o que, que era uma ilha, que era uma ilha e daí o nome ficar Ílhavo, o nome nem era esse, acho que dantes nem era esse, era illiabum ou coisa assim do género.”
		Sector onde trabalha: secundário	-Não conta lendas
		Sector onde trabalha: terciário	-Origem do nome ligada a ideia de Ilha

Tabela VI - Respostas às questões sobre a origem do nome de Ílhavo no Domínio do Imaginário (segmentação com base na idade e sector de actividade)

No universo do grupo estudado surgem quatro tipos de respostas. Uma que nada responde “citada” por indivíduos do sector secundário com idades compreendidas entre os 41 e 51 anos; outra associada à lenda da “Ilha avó” já anteriormente explicada, aqui mencionada por indivíduos de diferentes idades que trabalham no sector terciário; outra que remete para a evolução toponímica de Illiabum para Ílhavo, referida por sujeitos entre 52 e 59 anos com profissões no sector primário; e uma quarta versão que menciona que Ílhavo teve origem no povo fenício, versão esta que se funde com o conceito ilha e com a antiga designação de illiabum “isto vem dos antigos, dos fenícios, não sei se sim, se não. Mas que o pessoal que se foi espalhando, ao longo da costa e que isso (...) era uma ilha (...) daí o nome ficar Ílhavo, o nome nem era esse, acho que dantes nem era esse, era Illiabum ou coisa assim do género”; De facto, autores como Peralta (2008: 161) afirmam que a população ilhavense “poderá ter a sua origem remota no povo fenício, um povo ‘naturalmente’ virado para o mar, o que explicaria o apego marítimo da população local, como se de um ‘chamamento de sangue’ se tratasse”. A mesma autora refere ainda que foi António Gomes Madail quem criou o brasão de Ílhavo e retoma mesmo as palavras de Madail no momento da criação do Brasão “penso, portanto, que a adopção de uma gálera fenícia, com sua vela púrpura (...) a recordar toda a vida deste povo admirável cujo maior brasão é o próprio mar (...) Nada de melhor encontro para se impor ao respeito e ao coração dos ilhavenses. Rodeando o escudo, encimado pelo antigo étimo Illiabum, uma inscrição lembraria que Ílhavo de antigos descende e de longe vem” (Madail in Peralta, 2008: 162). Senos da Fonseca, por sua vez nota que, a galera inserida no brasão não é de origem fenícia mas “pasmese de origem (e tipologia) grega” (Fonseca, 2007: 77). Alheia a este pormenor Peralta prossegue referindo que “embora ressalvando não estar provado que o referido povo fenício tenha fundado Ílhavo, consideramos existir uma semelhança entre os ditos fenícios e a tradição marítima e mercantil do concelho” (Peralta, 2008: 162).

Ainda sobre mitos de origem locais Fonseca destaca que “existe uma opinião popular que referia que o nome da vila provém de ilha boa, e uma outra relativa a um pescador dos limítrofes que, referindo-se à sua pretensão de uma vinda até cá, ao pequeno burgo, afirmava: à ilha vou. Por último, há ainda menção à ilha dos ovos, pela inúmera passarada existente na ilha, que daria Ilhovo” (Fonseca, 2007: 82).

Possível de comprovar é apenas o facto da toponímia anterior ter sido Illiabum “*illi, que significaria vila, e Avia, que teria o significado latino de ria. Vila da ria seria então, este significado de Illiabum*” (Fonseca, 2007: 85).

Ainda no que concerne às respostas dos nossos entrevistados vale a pena reforçar que é quando se pergunta sobre a origem do nome que aparecem as referências à fundação ou origem da cidade. De facto o vazio sobre o tema apenas aparecer no domínio do Real uma vez que, no domínio Simbólico e no Imaginário são dadas várias respostas.

Resta ainda que referir que mesmo quando surge a resposta que faz alusão à origem fenícia o conceito de ilha permanece.

É pois possível constatar que os sujeitos entrevistados têm um Imaginário, associado à origem de Ílhavo, bastante rico. A variedade de respostas pode ser fecundada quer pela literatura oral (onde estes mitos são passados de geração em geração, anteriormente também ensinados na escola) ou mesmo através de leituras dos livros dos autores acima citados, bem como, por reforços positivos estimulados pela própria autarquia e outras entidades locais (veja-se o exemplo do brasão de Ílhavo que continua a ter como elemento central a galera fenícia/grega; ou do clube desportivo se designar por Illiabum Club).

Na tabela 7 que de seguida apresentamos, de forma condensada as representações do domínio do Imaginário onírico (dimensão especificamente onírica, efabulante, e sonhadora), apresentadas pelos nossos sujeitos quando confrontados com às questões relativas às lendas locais. A tabela foi inicialmente elaborada com divisões por sexo, idade, escolaridade, tempo de residência nos bicos e tipo de actividade, contudo, optamos por apresentar apenas as respostas com base no sexo, escolaridade e tempo de residência uma vez que o cruzamento de informações entre elas permitiu obter umas das conclusões que apresentamos abaixo. Para além disso os discursos dos nossos sujeitos foram na dimensão onírica fantástico popular.

Dimensões		Onírica	
		Fantástica/ popular	
Imaginário Puro	Lendas locais	Mulheres	- Lenda da Ilha - Lenda da Lâmpada - Lobisomem. - 1 entrevistado não sabe contar lendas. - Confusão com bruxas
		Homens	- Lenda da Lâmpada. - Lenda da Moura da Vista Alegre. - Lobisomem. - 1 entrevistado não sabe contar lendas.
		Escolaridade: até 6º ano	- Lenda da Moura da Vista Alegre - Lenda dos Lobisomens - Lenda da lâmpada - Não sabe contar
		Escolaridade: mais de 7º ano	- Lenda da lâmpada - Lobisomens - Confusão com as bruxas
		Tempo de residência no beco: até 10 anos	- Lenda da Ilha avó
		Tempo de residência no beco: de 10 a 30 anos	- Lenda da Lâmpada - 1 entrevistado não sabe contar lendas.
		Tempo de residência no beco: mais de 30 anos	- Lenda Lobisomens (1brincadeiras e outra descrevendo o processo de transformação) - 1 pessoa refere as bruxas (estão nas Gafanhas e em Lisboa) - Lenda da Moura da Vista Alegre - 1 entrevistado não sabe contar lendas.

Tabela VII - Respostas às questões sobre lendas locais de Ílhavo no Domínio do Imaginário onírico (segmentação com base no sexo, escolaridade e tempo de residência)

Através da observação da tabela 7 é possível verificar que o Imaginário onírico do grupo é bastante rico no que concerne a lendas. De destacar o facto dos sujeitos que habitam a zona dos becos e vielas há menos de 10 anos apenas citarem a lenda da “Ilha avó”, e o facto de serem as mulheres a trabalhar no sector terciário (comércio e serviços), com escolaridade até ao 6º ano que apresentam um Imaginário mais rico. Todavia, à excepção de dois sujeitos que dizem não saber contar lendas, todos os outros mencionam uma ou várias lendas, descrevendo-as de forma breve ou detalhada. Por fim, alguns elementos do grupo referem não saber contar nenhuma lenda associada à origem de Ílhavo.

No que concerne às lendas mais citadas é feita uma vez mais referência à lenda da “Ilha avó”, sendo todavia a lenda que é mais referida a lenda da lâmpada: *“Penso eu que é da lâmpada de Ílhavo, que roubaram a lâmpada não é (...) Parece que estavam à missa. Houve lá um sujeito ou uns sujeitos que foram lá com um escadote e perguntaram quem é que havia de limpar a lâmpada por semelhante preço e até que a levaram, até hoje*

nunca mais apareceu”. Ainda a respeito da lenda da lâmpada Gomes (1989) destaca que *“o que parece ter sido verdadeiro (...) foi o roubo das alfaias religiosas que a nossa igreja possuía, a quando por aqui passaram os soldados de Junot (...) isto me leva a crer que, ao tempo das invasões francesas, a célebre lâmpada não existia por cá, aliás não escaparia da cobiça e rapina da soldadêscã”* (Gomes, 1989: 61). São também feitas referências a lendas sobre bruxas e lobisomens *“havam blisomens (...) até morava aqui um ao pé de mim (...) que era lobisomem, não sei se o homem era blisomem ou não(...)segundo dizem não é, que aquela hora a meia noite, que saiam cá para fora e o primeiro pé que pusessem cá fora, o animal que tivesse, que fosse um porco ou tudo, ele andava feito um porco, (...) mas isso era eu pequenino (...) quando falava nisso, não sei”*.

Um entrevistado menciona ainda a lenda da Moura da Vista Alegre *“eu de lendas lembro-me de uma, mas isso já não é do meu tempo, é dali da Vista Alegre, diz que havia uma lenda que existia uma Moura Encantada que (...) aparecia porque na Vista Alegre (...) é tudo túneis lá para baixo e tal, até dizem que debaixo (...) da igreja da Vista Alegre esta lá um Mouro”*.

É interessante constatar ainda que quanto maior é o tempo de residência no beco mais rico é o seu Imaginário onírico parecendo haver como que um encantamento que se torna mais intenso há medida que as pessoas vão ficando mais anos em Ílhavo, por outro lado pode também significar que no passado o imaginário era mais rico e que há uma tendência para enfraquecer à medida que os anos passam.

Parece-nos assim possível constatar que a comunidade ilhavense tem um Imaginário bastante rico, um Simbólico que oscila entre o “não dito” e uma variedade rica de resposta e um Real bastante vazio de conteúdo.

6. Discussão e Conclusões

A memória colectiva e as representações sociais das populações são considerados elementos incontornáveis do seu património imaterial, condicionando simultaneamente o modo como valorizam, promovem e o protegem. Assim, neste novo contexto mundial de revalorização do Património Imaterial, a regeneração urbana do centro histórico de Ílhavo não poderá dispensar um estudo das dimensões imateriais que encerra e no qual está encerrado. Referimo-nos a um conjunto de elementos muito frágeis e frequentemente invisíveis a olho nu, que permanecem a um nível inconsciente, de quem

habita estes centros históricos, mas que determina as expectativas, esperanças, investimentos e sentimentos de pertença a um lugar, a uma comunidade e a uma história, através das memórias e imaginários sociais partilhados colectivamente.

Na parte empírica deste trabalho foi-nos possível abordar os mitos e as lendas que a população considera fazerem parte da sua cultura e que têm um papel relevante na formação das suas identidades actuais, que apresentam como uma tentativa de explicar a sua origem. Tais representações não pretendem ser semelhantes à História dita oficial, são antes versões das histórias com as quais a comunidade se identifica. O mito, na acepção que aqui é adoptada, não é uma ficção, constitui antes um modo de falar, ver e sentir múltiplas dimensões da realidade, dando-lhes significado e consistência (Oliveira & Lima, s.d). Estas versões da realidade alimentam as identidades das populações passando a fazer parte da realidade global da região de Ílhavo.

O estudo empírico realizado parece ir ao encontro da ideia fundamental de Castoriadis em que tudo o que se nos apresenta no mundo histórico-social está indissociavelmente ligado ao Simbólico: todas as instituições sociais, embora não se reduzam ao Simbólico, não podem existir sem ele, constituindo uma rede simbólica de segundo grau dentro de cada cultura. Aí ancoram não só as imagens que uma sociedade produz do seu contexto exterior, mas também das suas próprias acções. São estas imagens que ordenam e dão significado, que não provêm nem do domínio racional nem do irracional, mas do Imaginário. Deste modo, as significações sociais são imaginárias por nunca se esgotarem na sua explicação racional e social mas impõem-se enquanto instituídas, criadas e veiculadas de forma anónima e impessoal. De acordo com Castoriadis, é a sociedade assim instituída que determina o que passa a ser 'Real' e aquilo que o não é. Deste modo, é o Imaginário que impõe um sistema de interpretação e simbolização do mundo, condicionando o modo como toda uma comunidade atribui significado Simbólico à sua vida em comum e como vê, a esta luz, a sua própria situação existencial. No que concerne ao Centro Histórico de Ílhavo há como que uma perda de dinamismo do Imaginário, e mesmo do Simbólico, no tempo presente e futuro. Tal como refere Castoriadis o Imaginário deveria exercer força no presente, mas pelo contrário, neste contexto, essa força é maioritariamente exercida a partir do passado.

Ainda a respeito desta investigação e terminada a análise dos dados obtidos com o nosso grupo, é possível constatar que, mais do que o espaço, o tempo surge aqui como categoria fundamental do discurso identitário fazendo-se a maior parte das vezes um

recuo no tempo até épocas consideradas de grande importância da comunidade ilhavense, nomeadamente a ocupação mítica fenícia e os anos 40 a 70 do século XX.

A partir da análise de conteúdo realizada é igualmente possível constatar que a vida actual contrasta profundamente com aquilo que dizem ter sido as suas vidas no passado. Há como que um esvaziamento de conteúdos e símbolos identitários, sendo que os que persistem estão muitas vezes associados ao mar, como que de um “*delírio de coisas marítimas*” (Marques e Lopes, 1996: 5) se tratasse. Tal como refere Gomes, “*o mar exerce na gente de Ílhavo, uma mágica e satânica influência a que ele não pode nem sabe fugir*” (Gomes, 1989: 96). Segundo as palavras de Peralta “*a auto-imagem ideal da comunidade enquanto comunidade do mar é, assim, uma construção feita de retalhos de tempos e de experiências diversas, no qual os vários segmentos que compõem a comunidade local são convidados a se auto-reconhecerem, como se de um jogo de espelhos se tratasse*” (Peralta, 2008:173).

Há, contudo, sujeitos que, não raras vezes, se remetem ao silêncio quando os questionamos sobre mitos de origem ou elementos identitários que julgam ter especial destaque no concelho. Segundo Maffesoli e Lacan é preciso dar atenção ao “não-Dito”, pois nele também assentam as relações sociais. A epistemologia positivista deixou de lado o mistério, o “não-dito”, que, no entanto, pode ser o caminho para o fundamento de uma socialidade concreta. O nosso estudo permitiu-nos identificar silêncios em muitos momentos, destacando-se, de facto, a ausência de respostas às questões sobre qual teria sido a origem de Ílhavo (no domínio do Real e do Imaginário onírico) e quais as lendas locais que eram recordadas. Tudo isto nos leva a acreditar estarmos perante uma comunidade que se situa entre o ser e o quase não ser. O esvaziamento Simbólico do e no presente e um Imaginário muito associado ao passado, bem como, todos os ‘não ditos’ presentes nos discursos dos nossos sujeitos permitem-nos concluir que Ílhavo se encontra algures entre o conceito de ‘não-lugar’ (Augé, 1994) dada ausência de referências afectivas, espaciais e temporais na narrativa pessoal e colectiva no que concerne ao momento presente, mas também no futuro e o conceito romântico de localidade, onde é possível identificar elementos identitários (associados ao passado da comunidade), que apesar de tudo foram resistindo ao passar dos anos e que, conseqüentemente, podem manter vivo o espírito identitário da comunidade ilhavense, desde que correctamente apoiados com programas específicos de revitalização do seu Imaginário colectivo, agora redireccionado para o presente e o futuro, levando a um

renovado investimento Simbólico no espaço dos becos e vielas que a comunidade habita.

Do ponto de vista da presente investigação, será necessário todo um programa social e cultural, coerente do ponto de vista técnico e incisivo do ponto de vista prático, para transformar a 'dureza da vida' do Centro Histórico de Ílhavo num local de renovados laços de sociabilidade entre a população, hoje muito rarefeita. Tal programa deverá, em nossa opinião, ter por objectivos principais, quer atrair nova população para o local, quer promover a refundação de uma comunidade cuja memória, Imaginário e auto-representação social se encontram muito fragilizados nos seus quotidianos, apesar de manterem laços simbólicos profundos com um passado, já inexistente, e incapaz de fecundar os imaginários do presente e do futuro.

7. Bibliografia

- Arroteia, J. (1982). *Os Ilhavs e os Murtoseiros na emigração portuguesa*. Departamento de Ciências e Educação. Aveiro, Universidade de Aveiro. Doutoramento: 212.
- Augé, Marc (1994). *Não Lugares: introdução a uma antropologia da modernidade*. Lisboa: Bertrand
- Bachelard, G (1988). *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes
- Bachelard, G. (1991). *L'eau et les rêves – Essai sur l'Imagination dela Matière*. Paris: José Corti
- Bismarck, D. (2008). *As Terras de Vouga nos Séculos IX a XIV – Território e Nobreza* Aveiro, ADERAV.
- Bourdieu, Pierre (s.d). *O poder Simbólico*. Lisboa: Bertand.
- Cachim, A. (1988). *Os Ílhavs, o Mar e a Ria*, Livraria Estante Editora.
- Caillois, Roger (s.d.) *O Mito e o Homem*. Perspectivas do Homem. Lisboa: Edições 70.
- Candau, Vera Maria (org) (2002). *Sociedade, Educação e Cultura*. Petrópolis: Vozes.
- Castoriadis, C.(1995). *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- CMI (2010). Caracterização Sumária. [_http://www.cm-ilhavo.pt/](http://www.cm-ilhavo.pt/) (acedido em 14 de Outubro de 2010).

- Cordeiro, Graça (s.d). *Uma certa ideia de cidade: popular, bairrista, pitoresca*. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8491.pdf> Consultado em: 11 de Outubro de 2010
- Durand, Gilbert (1983). *Mito e Sociedade a mitanálise e a sociologia das profundezas*. Lisboa: A regra do jogo.
- Durand, G. (1992). *Les Structures Anthropologiques de L'imaginaire*. Paris: Dunod
- Durand, G (2002). *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes
- Eliade, M. (2000) *O Mito do eterno retorno*. Perspectivas do Homem. Lisboa: Edições 70
- Eliade, M. (s.d). *O Sagrado e o Profano*. Lisboa: Livros do Brasil
- Fonseca, S. d. (2007). *Ílhavo - Ensaio Monográfico do Século X ao Século XX*. Porto, Papiro Editora.
- Fonseca, S. d. (2009). *Costa-Nova-do-Prado. 200 Anos de História e Tradição*. Ílhavo, S. Fonseca
- Gomes, D. (1989). *Costumes e Gentes de Ílhavo*. Aveiro, Câmara Municipal de Ílhavo.
- Hall, S. (1997). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Jodelet, D. (1989) Les représentations sociales: un domaine em expansion. In Jodelet, D (Eds) *Les représentations sociales*. Paris:P.U.F.
- Lacan, J (1966). *Écrits I*. Paris: Editions du Seuil
- Lacan, J. (1978). *Le Séminaire – Livre II. Le Moi dans le theirie de Freud et dans la Thecnique de laPsychanalyse (1954-1955)*. Paris: Editions du Seuil
- Leitão, J. (s.d). *Uma Crónica da Pesca do Bacalhau. Memórias de um Radiotelegrafista*, Joaquim Rebordão Leitão.
- Lourenço,E. (1999). A Europa e a Questão do Imaginário - A Europa e o (Seu) Imaginário(1996/11), *Do Mundo da Imaginação à Imaginação do Mundo - Festival do Imaginário, Abrantes, 8 a 17 de Novembro de 1996*, Lisboa: Fim de Século
- Lynch, Kevin (1982) *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.
- Madahil, A. (1965). *Museu Marítimo e Regional de Ílhavo. Memória descritiva pelo director António Gomes da Rocha Madahil*. Lisboa, Ofic. Gráf. da Editorial Minerva
- Maffesoli, M. (1993). *La Contemplation du Monde*. Paris : Le Livre de Poche
- Maffesoli, M. (1997). *Le Nomadisme*. Paris : Le Livre de Poche
- Marques, F ; Lopes, A (1996). *Faina maior. A pesca do bacalhau nos mares da terra nova*. Lisboa : Quetzal Editores.

- Moscovici, S. (1984). *The phenomenon of social representations*. In, Fan, R; Moscovici, S, (Eds.). *Social Representations*. London: Academic Press
- Moscovici, S. (2001). *Why a theory of social representations?* In K. Deaux e G. Philogène (Eds.), *Representations of the social: Bridging theoretical traditions* (pp. 8-35). Oxford: Blackwell.
- Nora, P. (1993). *Entre a memória e a história: a problemática dos lugares*. São Paulo: *Projeto História*, 10, pp. 7-28
- Oliveira, Sebastião; Lima, Antonia (s.d), *Os mitos na formação da identidade –* Disponível em: www.dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/5mito_formacao.pdf consultado em 17 de Outubro de 2010
- Parracho, Fernando (1992). *Ílhavo esta é a nossa terra. Esta a nossa gente*. Aveiro: Câmara Municipal de Ílhavo
- Peralta, E. (2008). *A Memória do Mar - Património, Tradição e (Re)imaginação Identitária na Contemporaneidade*. Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Rodrigues, A.D. (1999). *Comunicação e cultura - a experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Editorial Presença.
- Sobral, José Manuel (1999). *Trajectos: O Presente e o Passado na Vida de Uma Freguesia da Beira*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.